

# A CARTA

RUBEM BRAGA

EXISTE, no jornal em que trabalho, como existe em muitos jornais, um redator essencialmente agrícola. E' um homem encarregado de explicar diariamente aos seus leitores qual o melhor meio de plantar batatas. Recebe do interior misteriosos embrulhinhos registrados, contendo lagartas, pedacinhos de raízes e punhados de terra, para opinar sobre esses objetos. E opina. E' um officio heróico, remediar à distância a dôr de barriga de um porco ou matar os insetos que atacam um pé de abacate situado a novecentos e cinquenta quilômetros da redação do jornal.

Na sua correspondência de hoje, o meu colega recebeu uma carta que o deixou profundamente triste. Passou-a à minha mesa, dizendo que eu devo respondê-la. Na sua opinião, eu sou um literato, e a carta é de literata. Veio de Lençóis, Estado de São Paulo. Quem a assina já me dirigiu várias cartas que não respondi. E' uma senhorita que, estando profundamente sem ter o que fazer, diverte-se escrevendo cartas anônimas a todos os jornalistas. Enfim: uma senhorita sem caráter.

Creio que mora em alguma fazenda, onde se entrega à contemplação da natureza e à leitura dos bons livros. Ela mandou dizer ao meu colega agrícola que está procurando se consolar, no campo, das máguas que a cidade lhe causou. E pede conselhos minuciosos a respeito. Ele esteve quase respondendo. Chegou mesmo a redigir algumas frases, e veio me consultar. Disse que era "um assunto puramente humano", do qual não entendia. E explica:

— "Responda você, literato, que é entendido em senhoritas. Prometô ajudá-lo quando o consultarem a respeito de vacas ou cebolas".

Eu me neguei a atendê-lo e êle passou à outras mesas da redação. O redator social declarou-lhe:

— "Quando esta senhorita ficar noiva, casar, ou tiver um filho, eu tratarei dela".

O repórter policial rugiu:

— "Mate esta moça, ou, pelo menos, arranque-lhe a orelha esquerda. Eu publicarei o seu retrato no jornal".

O crítico musical exigiu que ela tocasse harpa ou trombone; o repórter político sugeriu que ela fizesse um discurso, e o esportivo, que ela atravessasse o canal da Mancha.

O repórter agrícola berrou:

— "Trata-se de uma senhorita pacata, que jamais praticará violência semelhante. Todavia, é preciso que ela seja atendida. Também não posso fazer nada, porque ela não é uma abóbora nem uma euphorbiácea".

Disse, pôs a carta novamente sobre a minha mesa e postou-se em minha frente raivoso. Mas eu também não sei o que fazer com essa miserável senhorita literata e rural. Já estive ensaiando várias respostas, mas nenhuma serve absolutamente. O redator agrícola acaba de sair desanimado e disposto a tudo. Deixou comigo as frases que redigiu e que êle mesmo não julgou boas para serem publicadas em sua seção de "Vida Agrícola".

Eu as publico aqui, porque não tenho outra solução. Ei-las:

"I.F. — Lençóis — Estado de São Paulo — Nesta seção, senhorita, não posso cuidar de literatura. A tristeza de sua alma, infelizmente, me interessa menos que a tristeza do gado vacum. Passe bem".

Também acho que isto não é delicado. Não se deve falar em gado vacum quando se escreve a uma senhorita que tem a mania de escrever aos jornais.

P.S. — Pascoal Carlos Magno, diretor do Teatro de Estudante, destinou tóda a renda da "avant-première" de "Sonho de uma Noite de Verão", de Shakespeare, na noite de quinta-feira próxima, 21, a "Campanha de Alfabetização e Assistência Social", dirigida pela professora Zilma Coelho Pinto, de Cachoeiro de Itapemirim. Os ingressos podem ser procurados à Livraria José Olímpio, rua do Ouvidor, 110. Informações pelo telefone 27-2055, das 12 às 14 horas, diariamente.

15.2.49

"O Corde e o Passarinho", 1934

189